

O desafio dos parques nacionais

PERDA BILIONÁRIA PARA SETOR TURÍSTICO

PAÍS É O QUE MAIS cria áreas protegidas, mas deixa de lucrar até R\$ 1,8 bilhão por ano por falta de investimento

RENATO GRANDELLE
renato.grandelle@oglobo.com.br

O incentivo à visitação dos parques nacionais tem potencial para injetar, até 2016, R\$ 1,8 bilhão por ano na economia nacional, segundo um dos mais detalhados relatórios do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) sobre as unidades de conservação brasileiras. No ano dos Jogos Olímpicos, estas unidades injetariam até R\$ 2,2 bilhões nos cofres públicos. Com uma ressalva: os ganhos, obtidos com ingressos, parcerias e geração de renda nas populações do entorno, só devem alcançar esta dimensão se houver um investimento significativo nas áreas protegidas.

Entre 2001 e 2010, a verba destinada às unidades federais permaneceu a mesma — cerca de R\$ 300 milhões por ano. No entanto, no mesmo período a área total protegida aumentou 83,5%. O investimento em cada hectare conservado pelo governo brasileiro, portanto, sofreu uma redução de 40% desde o início da década passada.

Parte deste vazio é preenchida por recursos de compensação ambiental, um valor pago por grandes empreendimentos para atenuar os impactos que provocarão no meio ambiente. Entre janeiro e junho deste ano, este caixa levou R\$ 33,4 milhões para os parques nacionais.

O país é elogiado por sua dedicação à Convenção sobre Diversidade Ecológica, um acordo internacional que, para reduzir a perda de biodiversidade, defende o estabelecimento de novas unidades de conservação. Entre 2003 e 2008, o Brasil foi responsável por 74% de todas as áreas protegidas criadas no mundo.

— Aumentamos o percentual de áreas protegidas, mas não os recursos — lamenta Roberto Vizenin, presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). — Precisamos de um orçamento maior e uma gestão que conte com outras fontes para seu próprio sustento, como

projetos de cooperação internacional.

Fundador do ICMBio e seu presidente entre 2007 e 2008, o biólogo João Paulo Capobianco assegura que “dá para contar nos dedos” quantos parques nacionais contribuem para a geração de renda nas cidades vizinhas.

— É uma loucura ver que este objetivo não é cumprido porque algumas unidades de conservação estão fechadas ao público — lamenta. — Além de não gerar um potencial de visitação, cria-se uma inimizade com as cidades vizinhas, que encaram os parques como um prejuízo, um bem inacessível.

SERVIDORES APOSENTADOS

Ainda de acordo com o levantamento do Pnuma, o Brasil investia, em 2010, cerca de R\$ 4 para cada hectare de suas unidades de conservação. Muito menos do que a África do Sul (R\$ 67,09) e os Estados Unidos (R\$ 156,12) — neste último, a área protegida tem praticamente o mesmo tamanho que a nossa.

Em 2000, o Brasil tinha um funcionário para cada 18,6 mil hectares protegidos — uma área maior do que a cidade de Natal. Na África do Sul, esta proporção é de 1 servidor para cada 1,1 mil hectares; nos EUA, um para cada 2,1 mil hectares. A conta inclui, além dos parques, outras unidades de conservação. O ICMBio atribui a falta de funcionários ao alto número de aposentadorias.

O instituto destaca que o número de visitantes dos parques está crescendo, em média, 10% por ano, trazendo benefícios às economias regionais. Ainda de acordo com o instituto, o aumento de turistas será ainda mais expressivo este ano, devido à Jornada Mundial da Juventude, e no ano que vem, por causa da Copa do Mundo.

— Os grandes eventos darão visibilidade ao mercado turístico — ressalta Vinícius Lummertz, secretário nacional de Políticas de Turismo do Ministério do Turismo. — Os parques com maior investimento são aqueles onde existem concessões. Nos EUA, por exemplo, estas parcerias levantam US\$ 155 bilhões.



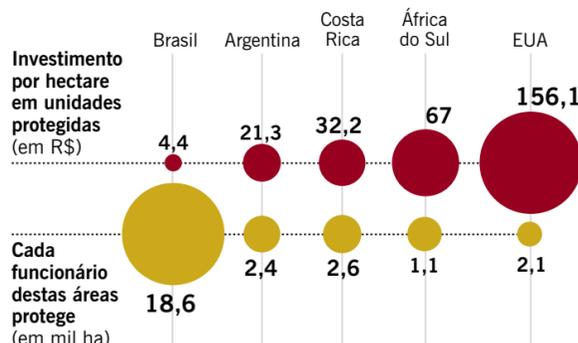
Cataratas do Iguaçu. Atração é uma das mais visitadas do Brasil. Investimento no setor é insignificante frente ao volume de novas áreas

POTENCIAL SUBESTIMADO

INVESTIMENTOS ATUAIS

A área total das UCs aumentou **83%** MAS

O orçamento para estas unidades é o mesmo: **R\$ 300 milhões** por ano



NÚMERO DE TURISTAS NO PAÍS* (Em milhões)

Até 2016 **13,7**
Em 2016 **20**

IMPACTO ECONÔMICO (Em R\$ bilhões)

Até 2016 nos parques **Entre 1,6 e 1,8**
Até 2016 nas UCs** **2,2**

FONTE: Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). *Brasileiros e estrangeiros. **Considerando as unidades de conservação estaduais e federais

Sobe e desce



Brasil foi responsável por 74% de todas as áreas protegidas criadas no mundo entre 2003 e 2008



Verba destinada aos parques nacionais é a mesma desde 2001: R\$ 300 milhões por ano

É um negócio. Aqui, ainda estamos aprendendo. O Parque da Tijuca já recebe R\$ 50 milhões da iniciativa privada. Adotando este caminho, não precisamos destinar para o turismo os recursos que poderíamos ir para a educação ou para a saúde.

Coautor do relatório do Pnuma, Carlos Eduardo Young acredita que, apesar da falta de recursos e da fraca visitação da grande maioria das unidades, os parques de papel valem a pena.

— Protegemos um local, mas esque-

mos de investir nele — afirma Young, que é professor do Instituto de Economia da UFRJ. — O público é interessado apenas em atrações específicas, como as cataratas em Foz do Iguaçu. Mas acredito que estas unidades de conservação servem, no mínimo, para preservar a biodiversidade e proteger a área ao redor dos rios. Sem um parque como o da Tijuca, por exemplo, teríamos anualmente grandes desmoronamentos no Rio, o que provocaria um enorme prejuízo para a cidade. ●

ENQUANTO ISSO NOS ESTADOS UNIDOS...

VISITAÇÃO RECORDE E PRESERVAÇÃO EM PARQUE AMERICANO

FLÁVIA MILHORANCE
flavia.milhorance@oglobo.com.br

A gestão americana de reservas ecológicas é centenária, e a cultura de visitação no país, consolidada. Criado há 150 anos pelo ex-presidente Abraham Lincoln, o Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia, é o mais antigo e um dos mais bem-sucedidos do mundo, com um modelo que favorece a visitação — de quatro milhões de turistas anuais — sem se descuidar da preservação ambiental.

— A parte mais importante da administração é a proteção do local. Tudo é protegido no Yosemite, de recursos naturais

a animais. É nosso dever fazer com que o parque permaneça preservado e que os visitantes aproveitem sua beleza. Temos que facilitar esta recreação dentro do parque — afirmou o porta-voz Scott Gediman.

O Yosemite é um dos 450 parques dos EUA e um dos milhares do mundo, mas em meio à competição pelo ecoturismo, consegue manter-se no imaginário do americano e até do estrangeiro. Atributos naturais, mas também de gestão, são o que garantem este status, segundo Gediman. No local, há uma ampla infraestrutura para esportes, o que garante a ele o título de “meça do montanhismo”, com opções de es-

calada, canoagem, trilhas e ciclismo; tem inclusive o título de berço do *slackline*, prática que invadiu os últimos verões cariocas, mas começou lá ainda nos anos 80. O impacto das atividades é periodicamente avaliado, e o público participa da gestão, com comentários sobre planos de conservação.

Com título de Patrimônio Mundial pela Unesco, o parque abriga a maior pedra de granito do planeta, conhecida como “El Capitan”, e que, apenas em fevereiro, ganha cores únicas de lava vulcânica devido à angulação da incidência solar. Também é famoso pelas quedas d’água, incluindo a Yosemite, maior da América do



Ecoturismo. Montanhistas visitam o Parque Nacional Yosemite, na Califórnia

Norte, quinta maior do mundo e a escolhida pelo turista brasileiro Thiago Pontes:

— Visitei as quedas d’água. Fui de carro e paguei US\$ 20 na entrada, onde os funcionários são super simpáticos e te dão um mapa gigante do parque. Eu achei extremamente bem organizado e sinalizado — conta Thiago, que esteve no parque em maio. ●

► SÉRIE: O DESAFIO DOS PARQUES NACIONAIS

ONTEM
Natureza para poucos
AMANHÃ
Paradoxo do Cerrado